

Pentecostalismo, urbanização e modernidade: trajetória e crescimento da Assembleia de Deus em Imperatriz-MA

Bertone de Oliveira Sousa*

Resumo: O presente artigo analisa o processo de crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI), na cidade de Imperatriz, segunda maior do Estado do Maranhão. Analisam-se os aspectos históricos de sua urbanização e modernização, sobretudo a partir da década de 1950, o crescimento dessa instituição religiosa paralelo ao da própria cidade, bem como a formação de uma identidade religiosa pentecostal. Investigam-se também as peculiaridades da modernização brasileira que propiciaram a expansão pentecostal nas últimas décadas neste país, enfocando sua repercussão na cidade de Imperatriz.

Palavras-chave: Imperatriz, Pentecostalismo, Modernidade, Identidade.

Abstract: This article examines the process of growth of the Evangelical Church Assembly of God of Imperatriz (IEADI) in the city of Imperatriz, the second largest in the state of Maranhão. Analyzes the historical aspects of the urbanization and modernization, especially from the 1950s, the growth of this religious institution parallel to the city itself, as well as the formation of a Pentecostal religious identity. It also investigates the peculiarities of Brazilian modernization that enabled the Pentecostal expansion in recent decades in this country, focusing on its impact in the city of Imperatriz.

Keywords: Imperatriz, Pentecostalism, Modernity, Identity.



Templo central da Assembleia de Deus em Imperatriz (MA) – Foto: Fernando Cunha

interdisciplinaridade, sobretudo as abordagens no campo da Sociologia e da Antropologia, entendida como indispensável à análise desse objeto de estudo.

Este texto faz uma abordagem histórica do processo de crescimento da IEADI (Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz) na cidade de Imperatriz, paralelo ao processo de urbanização e crescimento dessa cidade, bem como o impacto dos aspectos dessa modernização na formação identitária dessa religiosidade, no contexto da modernização brasileira. Este artigo situa-se no

marco teórico dos Estudos Culturais, sem prescindir da

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás, bolsista pela CAPES.

Imperatriz, localizada no sudoeste do Estado do Maranhão, foi fundada em 1852 com o nome de “Povoação de Santa Tereza”, quatro anos depois foi transformada em vila e elevada à condição de cidade em 1924. No entanto, só passou a conhecer crescimento significativo a partir da década de 1950, com a construção de estradas que a ligavam a outras cidades e Estados da federação.

Desde a década de 1950, as migrações, consequência da abertura de estradas ligando Imperatriz a outras cidades do Norte e Nordeste e a construção da rodovia Belém-Brasília, na década de 1960, tiraram a cidade do isolamento geográfico, incrementando a densidade demográfica na região. A construção da rodovia Belém-Brasília contribuiu ainda mais para impulsionar o crescimento da cidade¹, fazendo com que, num período de vinte anos, a população aumentasse em cerca de 450% quando Imperatriz se tornou a segunda maior cidade do Maranhão. É nesse contexto que ocorre a fundação da Igreja Assembleia de Deus em Imperatriz, em 1952 e o início de seu crescimento na região:

Até esse momento, não havia infra-estrutura adequada; a região caracterizava-se por poucas estradas, escolas e inexistência de hospitais. Os migrantes vinham, sobretudo, do Piauí e do Ceará, pois as secas e conflitos envolvendo a posse da terra naqueles Estados levaram centenas de famílias a saírem em busca de melhores condições de vida. Sua localização favoreceu esse trânsito de agrupamentos humanos, por estar na fronteira com o Estado do Tocantins (antes Goiás) e sul do Pará.

Os anos 1960, 1970 e 1980 foram décadas marcadas por intensos conflitos entre posseiros e grileiros, trabalhadores rurais e proprietários de terras em Imperatriz, região tocantina e Araguaia, como consequência da ocupação das terras devolutas, destacando-se a pistolagem. Na luta pela posse da terra, o assassinato de trabalhadores rurais aumentou de 7,8% na primeira metade dos anos 70 para 30,6% em apenas dez anos (FRANKLIN, 2008). Segundo Coutinho (1994, p. 228), Imperatriz possuía um dos maiores fluxos migratórios do Brasil, “atingindo o percentual de 10%.”

Martins (1997) destaca a fronteira como um lugar de conflito, enfrentamento do outro, e comenta também acerca do caráter religioso, às vezes milenaristas, das populações camponesas que migram em busca de melhores condições de vida, mesclando elementos da frente de expansão com um imaginário místico. Ao fixarem-se numa região, podem tornar-se receptivos a religiões também milenaristas como o pentecostalismo da Assembleia de Deus, como o demonstra a sua própria trajetória junto às populações camponesas que se estabeleceram em Imperatriz e vilarejos ao redor, através do trabalho de divulgação de seus ideais e fundação de igrejas em todos eles.

A população que em 1940 era de 9.331 habitantes (IBGE), saltou para 220.095 em 1980, quando metade de sua população (50, 7%) residia na zona urbana. É nesse período, em 1986, que seu então pastor presidente, Jairo Saldanha de Oliveira, lança a pedra fundamental do templo central dessa instituição. Concluído treze anos depois, possui área total de 6.000m² e capacidade para aglomeração total de 20.000 pessoas.

¹ A partir de 1955 houve um fracionamento no território original de Imperatriz, com a criação de novos municípios, resultante do rápido crescimento demográfico e urbano da região. Esse desmembramento se estendeu até 1997. Mais de 20 municípios foram criados até esse ano, sendo que a cidade perdeu mais de 90% de seu território original. Em 1940, a área de Imperatriz era de 16. 285 km² (Censo IBGE, 1940, p. 08). Em 2002 era de 1.367,90 km² (Fonte: <<http://www.jupiter.com.br/imperatriz/?pagina=economia>>. Acesso em 18 set. 2008).

Sua construção incrementou a fundação de filiais em toda a cidade e o caráter proselitista da instituição.

Paralelamente, o garimpo de Serra Pelada no Pará atraiu trabalhadores de várias cidades do Norte e do Nordeste. Dezenas de milhares de pessoas se deslocaram em busca de ouro e fortuna. Imperatriz, por estar na fronteira com aquele Estado, passou a ser local de moradia de muitas famílias de garimpeiros, comerciantes e pessoas de várias profissões.

A descoberta de ouro em Serra Pelada foi resultado dos conflitos agrários acima citados que fizeram entrar em crise o modelo agrícola de produção de arroz, principal produto cultivado na região, o que levou muitos camponeses a migrarem para a periferia das cidades. O garimpo foi uma espécie de “válvula de escape” a muitas dessas pessoas que passavam por precária situação econômica. Grande parte dos trabalhadores do garimpo morava em Imperatriz. O crescimento urbano desordenado e os conflitos no campo geraram o que João Décio Passos (2008) chama de “racionalização do espaço rural, cuja urbanização cria aglomerados social e culturalmente diversos, misturando a cidade de Deus com a cidade dos homens. O pentecostalismo inscreve-se, pois, dentro desse quadro contraditório e vincula-se organicamente a ele em seu processo de produção de significados”.

A década de 1980 ficou marcada também pela intensificação de tensões sociais na cidade: via-se ampliar os desajustes que refletiam no cotidiano da sociedade e se tornavam mais visíveis à medida que os meios de comunicação ganhavam mais espaço: assassinatos, surgimento e confrontos de gangues, quadrilhas de assaltos, aumento dos casos de suicídios, depredação de estabelecimentos comerciais, assaltos à mão armada, estupros, roubos, espancamentos, homicídios e acidentes de trânsito cada vez mais frequentes. O fechamento do garimpo de Serra Pelada no final da década acarretou o depauperamento de parte população que vivia do garimpo e o recrudescimento da criminalidade e dos índices de suicídio.

É nesse cenário de transformações sociais, portanto, que o pentecostalismo representado pela IEADI cresceu substancialmente. O censo referente a 1990 mostra que os pentecostais se distanciavam como segundo maior segmento religioso, chegando a 23.517 fiéis numa população de 276.502 habitantes (8,5%). Os católicos eram 232.331 (84,0%). Os protestantes tradicionais, 7.938 (2,8%). Os efeitos da urbanização também se evidenciam em números. A população urbana era de 210.051 pessoas (75,9%) para 66.451 que viviam na zona rural (24,0%). Pela primeira vez, o número de alfabetizados passa da metade, chegando a 53,8% (148.966 pessoas).

Numa cidade como Imperatriz, onde o fluxo migratório é constante, a pluralidade religiosa tende a ser mais expressiva. Em 1980, sua população era composta por 11% de maranhenses, 22% de pessoas de outros Estados do Nordeste e 67% de pessoas de outras regiões do país. (FREGONA, 1998, p. 97). A cidade se constituiu essencialmente como fronteira, formando uma população heterogênea, cujo modo de viver e de pensar influenciou na (re)constituição de sua identidade cultural.

A expansão da Assembleia de Deus também é resultado das migrações; esta cresceu junto com a cidade e avançou em território católico, gestando uma identidade religiosa pentecostal de forte caráter proselitista, mais recentemente expressa através dos meios de comunicação, principal via usada pelo protestantismo pentecostal em todo o país

para promover sua “guerra santa” contra o catolicismo e outras religiões, arrebanhando o maior número de conversos possível.

De acordo com Pierucci e Prandi (1996), é necessário compreender a religião como mudança, ruptura e inovação, a fim de perceber o papel que esta exerce em um determinado contexto social. No caso de pentecostalismo brasileiro, tal mudança aponta para a redefinição de valores, adesão mais devotada a Deus ou redescoberta de valores religiosos em nova roupagem. Para os autores, as religiões se constroem a partir de empréstimos que frequentemente fazem umas das outras, além de, evidentemente, substituírem suas práticas e simbologias e redefinirem sentidos.

Parafraseando Procópio Camargo, Pierucci afirma que concepções religiosas como o pentecostalismo crescem em momentos de modernização excludente, “promissora, mas frustrante.” (p. 16). Nesse sentido, a religião supre uma lacuna deixada pelo mundo profano, gerando a experiência da conversão, que não se limita apenas a uma atitude religiosa, mas nasce de algo que lhe é exterior, ou seja, de um sentimento de dissociação com o mundo profano.

O autor enfatiza que a religião não se traduz apenas em crença, mas em elementos culturais multifacetados e criativos; manipulando símbolos também diversos, esta interage com outros campos sociais pela redefinição que efetua de valores e identidades, que, no caso da religiosidade pentecostal, valoriza a interioridade do próprio converso, colocando-o numa comunidade (congregação) de crentes onde, através do compartilhamento de sentimentos comuns, passa a se sentir seguro das contingências do que é externo ao grupo.

Desse modo, muitos grupos de pentecostais são formados por contingentes da população deixados à margem pelos projetos de modernização e por sua religião de origem, um catolicismo dessacralizado. Por isso, buscam novas relações com o sagrado, refazem seu Deus e estabelecem novas comunidades religiosas nas quais essa relação com o sagrado possa ser mais intensamente vivida. “Para essa enorme parcela da população (...) a religião é de novo identidade, grupo, comunidade, amparo, auxílio, jeito de viver e lei (...). A cidade profana e agnóstica é de novo tomada pelas criaturas de Deus, e do Diabo.” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 24-25)

Em relação à instituição aqui analisada, a IEADI, o indivíduo não encontra a plena liberdade no ato de adesão (conversão) ao grupo pentecostal: encontra um conjunto de princípios morais rígidos, que visam integrá-lo à doutrina em detrimento de seus desejos e necessidades subjetivas; o pregador tenta solapar estes últimos, demonizando-os, frequentemente lançando mão de ameaças de vergonhosa exposição pública daquele que não agir de acordo com a doutrina. O fechamento identitário se consolida, ao deixar de incentivar a agregação a outras comunidades fora do grupo de culto. O pentecostal vê a si mesmo como portador da doutrina da salvação e seus maiores esforços são voltados para a pregação, a conversão, o ato de “ganhar almas”.

Abordagens no campo da sociologia da religião (PIERUCCI; PRANDI, 1996; PASSOS, 2002; BITTENCOURT FILHO, 2003) enfatizam o avanço do pentecostalismo no bojo das peculiaridades da modernização brasileira, cujo projeto não incluiu o povo, não lhes fornecendo os mecanismos necessários de orientação no mundo e referenciais seculares de sentido à vida, mas manteve-o longe do pensamento científico, ao mesmo tempo em que aprofundava sua miséria material e intelectual e os alijava das conquistas sociais e do campo da política. Corten (1996, p. 220) também enfatiza que o processo acelerado

de urbanização no Brasil não chegou a produzir uma descristianização como ocorreu em outras partes do mundo.

Consequentemente, as últimas décadas têm assistido à emergência de religiões que promovem, segundo Reginaldo Prandi (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 98) uma “remagicização” do mundo, a valorização de aspectos mágicos da religião, ao mesmo tempo em que abandonam projetos de mudança social e negam a “identidade como meio para se alcançar e experiência de sentido mais profunda” (idem, p. 103). Nesse contexto, o catolicismo perde referência como única fonte de explicação da transcendência, dada a diversidade religiosa que aglutina multidões em torno de variados discursos sobre salvação pessoal, interioridade, prosperidade, etc.

Por isso é necessário compreender as características da modernização brasileira que ocorreu em sentido diferente ao vivido na Europa. De acordo com Passos (2002, não paginado), lá, na Europa, a modernidade foi gestada a partir de uma cultura humanista e de uma visão de mundo secularizada; aqui, no Brasil, os elementos que caracterizam o pré-moderno (encantamento do mundo), moderno (desencantamento) e pós-moderno (reencantamento) não estão dissociados, mas misturam-se e dialogam entre si.

Nas cidades e metrópoles brasileiras, por exemplo, os efeitos da modernização se fizeram sentir de forma diferenciada, em que convivem quadros históricos em diferentes temporalidades (heterogeneidade multitemporal), e cuja história, incluindo o campo religioso, é marcada pela hibridação. Para Canclini (2006), a hibridação consiste em relações de interação entre processos socioculturais, dos quais resultam novas práticas e estruturas. Essa dinamização das constituições identitárias permite-nos afirmar que elas não podem ser estanques, fixas, imóveis. Por isso, o encontro, o confronto e o diálogo são elementos constituintes de sua formação.

Segundo este autor, (p. 285 e seq.) o agravamento da urbanização tem sido o elemento preponderante no processo de hibridação cultural, ao promover a súbita mudança do rural, como culturas de raízes locais, tradicionais e homogêneas à dinâmica da vida urbana com sua “oferta simbólica heterogênea”, tornando a sociabilidade cada vez mais seletiva.

Canclini (p. 152) destaca ainda que o estudo da conjuntura latino-americana não pode prescindir de uma perspectiva pluralista que avalie as interações entre a tradição, a modernidade e a pós-modernidade. O problema não consiste, segundo ele, no fato de o continente não ter se modernizado, mas na forma como se articulam quatro elementos pertinentes à modernidade: emancipação, expansão, renovação e democratização. Em relação ao primeiro, por exemplo, houve secularização, embora com restrições em relação às metrópoles e sem o mesmo teor de integração, entretanto mais ampla que em outros continentes marcados pelo subdesenvolvimento.

Vivemos numa sociedade em que instituições liberais e hábitos autoritários e paternalistas se imbricam no fazer social e na invenção do cotidiano dos grupos, modos de ser e pensar híbridos que repercutem também fortemente no grupo religioso que aqui é estudado. Assim, o modelo tripartite tradicional-moderno-pós-moderno, não constitui momentos históricos lineares comuns a todos os países ocidentais, pois a hibridação, a pluralidade, a multitemporalidade e heterogeneidade são elementos constituintes de nossa formação social. Desse modo, a dinâmica sociocultural latino-americana se caracteriza “como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais)”. (ib., p. 28)

Em 2000, Imperatriz contava com 230.451 habitantes. Com 94,8% vivendo na zona urbana e 5,1% na zona rural, a taxa de alfabetização chegava a 83, 9%. O fato de a população ter diminuído em relação à década anterior é resultado, em parte, da saída de muitos que estavam descontentes diante dos problemas sócio-políticos existentes na região (BARROS, 1996, p. 280) e, em parte, se deve ao fato de o município ter passado por constante processo de desmembramento até 1997, reduzindo cada vez mais sua área, conforme assinalado anteriormente.

Quando foi fundada em 1952, a Assembleia de Deus possuía 16 membros. Em 1954 construíram o primeiro templo na cidade. No ano seguinte, já havia 202 fiéis. No período de 1952 a 2002, abriu 44 congregações. Nos dez anos seguintes, de 1992 a 2002, abriu mais 48, obtendo crescimento em número de igrejas afiliadas de cerca de 110% em dez anos. (ALVES, 2002, p. 59) Em meio século, cresceu cerca de 205.000% em quantidade de membros. (SANCHES, 2002, p. 43). O censo do IBGE de 2000 traz o número de pessoas por cada denominação protestante. Segundo o censo, a Assembleia de Deus contava 29.978 membros, o que equivalia a 13% da população da cidade. Embora não ameaçasse a hegemonia católica, cujos fiéis contavam 70.3%, A Assembleia de Deus possuía maior número de fiéis do que todas as outras igrejas evangélicas somadas, que eram 19.836 (8.6% da população). Nenhuma outra denominação, sozinha, contava com mais de dez mil membros². Em 2002, de acordo com a *Enciclopédia de Imperatriz*, a IEADI possuía cerca de 35.000 fiéis. (SANCHES, 2002, p. 43). Em meados de 2009, já haviam 135³ congregações da AD em Imperatriz.

O êxito do movimento pentecostal também se deve ao uso dos meios de comunicação. A IEADI possui uma emissora de TV própria em Imperatriz, a TV Cidade Esperança canal 14, também a rádio Cidade Esperança, além de um *site* mantido pela igreja⁴ e um livro, publicado em 2002 em comemoração aos cinquenta anos de sua fundação na cidade. As promessas de salvação e a adoção de uma ética com normas de condutas próprias fazem com que o grupo gere uma identidade, através da qual os indivíduos se sentem protegidos, amparados e motivados. Sabe-se que a identidade tem caráter relacional, ou seja, se define em relação à alteridade, a algo que lhe é exterior, diferente e que, por isso, lhe fornece as condições da própria existência (WOODWARD, 2007). Identidade é aqui entendida como um discurso que legitima a noção de pertencimento e, no caso específico da religiosidade aqui analisada, busca promover laços de solidariedade e sentido.

Pode-se afirmar que as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança, além do aumento de auto-estima e do impulso empreendedor. Elas atuam, para além da sua finalidade religiosa, estrito senso, como circuitos de trocas que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros. Não se trata tanto dos programas filantrópicos como fazem os católicos e kardecistas, mas de uma reciprocidade entre os próprios fiéis simbolizada no princípio

² O censo caracteriza como “Evangélicas de Missão” um grupo composto por Igreja Presbiteriana, Luterana, Batista, Adventista do Sétimo Dia e outras, que juntas, somavam 11.592 fiéis (5.0% da população). Destas, a maior era a Igreja Batista (tanto as de confissão tradicional como pentecostal), com 7.014 membros. O grupo de pessoas que se declararam sem religião ficou em 15.169 (6.5%) (IBGE, censo 2000).

³ Dado fornecido pelo pastor presidente da IEADI, Raul Cavalcante Batista, em depoimento concedido a este pesquisador em 20 mai. 2009.

⁴ <http://www.apazdosenhor.org.br>

bíblico de ajudar primeiro os “irmãos na fé” (os frequentadores do mesmo templo). [...] É muito comum em áreas de maior pobreza [...] as redes religiosas e familiares [...] se sobrepõem, criando uma rede de solidariedade que atenua a vulnerabilidade social, mas sempre sendo entendida como a intervenção de um mundo sendo concebido sobrenatural. (ALMEIDA, p. 10-11, acesso em 04/12/2008)

Nesse sentido, o pentecostalismo gera relações internas marcadas pela integração. Construindo mecanismos de auxílio entre líderes ou fiéis, o pentecostalismo tece relações de solidariedade que possam suprir a carência de integração sócio-cultural externa ao grupo⁵. Por isso, fornece à comunidade um novo tipo de disciplina, que, no caso da IEADI, é marcada, sobretudo, pelo ascetismo⁶, ou seja, rejeição ao mundo e aos valores seculares; aqui, a interpretação literal e fundamentalista da Bíblia norteiam a conduta do indivíduo.

Portanto, é desse modo que o pentecostalismo da IEADI têm buscado representar sua identidade no campo das religiões, afirmando-se em relação a outros credos. A visão de mundo dessa igreja conseguiu coadunar-se de forma mais coerente com a mentalidade da sociedade imperatrizense, o que outras pentecostais não conseguiram. O fato de ela ter estado presente, nesse meio século, no processo de crescimento urbano e demográfico de Imperatriz levou seu discurso a adequar-se mais claramente às necessidades e anseios dos grupos que aderiram às pregações. Sendo um fenômeno essencialmente urbano, o pentecostalismo assembleiano abriu espaço no claudicante processo de modernização da sociedade imperatrizense, inculcando referenciais de sentido baseados numa religiosidade que valoriza o êxtase, o emocional. Tendo como principal rival um catolicismo popular, fortemente arraigado na tradição histórica da cidade, a Assembleia de Deus, por ser marcadamente proselitista, abriu espaço no horizonte dessa tradição para consolidar-se como instituição aglutinadora e formadora de uma identidade pentecostal que constitui sua principal bandeira.

⁵ Em Imperatriz, a AD possui um órgão filantrópico, a “Associação Beneficente Cidade Esperança”, que possui convênios com hospitais, clínicas, oftalmologistas e laboratórios. Para ser beneficiado, o fiel precisa ter a carteirinha da igreja e solicitar o desconto junto ao departamento da Assistência Social, que o encaminhará a um desses órgãos conveniados, além de distribuir quatrocentas cestas básicas mensais, realizar esporadicamente mutirões para construção de casas para pessoas necessitadas e desenvolver cursos profissionalizantes de babá, garçom, costura e pintura. Anualmente, a instituição também realiza um trabalho de assistência social que consiste em escolher um bairro de Imperatriz e durante todo um dia prestar diversos serviços gratuitos e distribuir cestas básicas, além de roupas, exames laboratoriais, remédios, consultas médicas, assistência jurídica, realização de casamentos civis, café da manhã e lanches, sempre com o comparecimento de autoridades locais, como prefeitos e juizes (BATISTA, entrevista, 20 mai. 2009).

⁶ A IEADI mantém como normas de conduta e vestimenta (usos e costumes) os princípios deliberados na Convenção Geral das Assembleias de Deus realizado em 1999, que proíbe os homens de terem cabelos compridos, as mulheres usarem shorts, calças compridas, mini-saias (entendidas como vestimentas indecentes e indecorosas), e também são proibidas de cortarem o cabelo e usarem maquiagem exageradamente (CPAD, 2004, p. 581). A manutenção desses tabus é vista como externalização da santidade e diferenciação em relação a outras religiões. O não cumprimento pode levar de uma simples advertência à exclusão da comunidade de culto.

Referências

- ALVES, Sebastião Cleyton. *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*. Imperatriz: Edições IEADI, 2002.
- BARROS, Edelvira Marques de Moraes. *Imperatriz: memória e registro*. Imperatriz: Ética Editora, 1996.
- BATISTA, Raul Cavalcante. *Entrevista Concedida a Bertone de Oliveira Sousa*. Imperatriz, MA: 20 mai. 2009.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis, RJ: Vozes/KOINONIA, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- COUTINHO, Milson. Imperatriz: subsídios para a história da cidade. São Luís: Sioge, 1994.
- FRANKLIN, Adalberto. *Apontamentos para a História Econômica de Imperatriz*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.
- FREGONA, Livaldo. *18 Anos de Imperatriz: o que vi, li e ouvi*. Imperatriz: Ética, 1998.
- HISTÓRIA da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- IBGE. Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- PIERUCCI, Antonio Flavio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANCHES, Edmilson (org.) *Enciclopédia de Imperatriz*. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2002.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

Internet

- ALMEIDA, Ronaldo de. A Expansão Pentecostal: circulação e flexibilidade. Disponível em http://www.centrodametropole.org.br/pdf/2007/ronaldo_pentecostalismo.pdf. Acesso em 04/12/2008
- PASSOS, João Decio. *Pentecostalismo e modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana*. Disponível em Acesso em http://www.pucsp.br/nures/revista2/artigos_joao_decio.pdf. 18/11/2008.